



Rafael, 10 anos, é estudante da terceira série do Marista e sobrinho de Lívia Velasco Braga, coordenadora dos cursos de Português e ex-estudante da escola: educação que se estende por gerações

Uma escola que é para toda a vida

Colégio Marista de Taguatinga completa 35 anos dedicados à formação humanística dos alunos, que mantêm vínculo com escola

Marcio Vieira
Da equipe do Correio

Os tempos de escola trazem diferentes lembranças. Em alguns casos, foram inesquecíveis. As histórias dos alunos do Colégio Marista de Taguatinga, que completa hoje 35 anos, comprovam que no currículo da instituição constam amizade e carinho, e até casamentos. Histórias bonitas que nasceram entre os tradicionais muros do colégio.

Lívia Durães de Velasco Braga, coincidentemente também com 35 anos, é um exemplo de que o Marista já forma gerações. Ela foi aluna do colégio de 1970 a 1978. Hoje, depois de ter lecionado Português no próprio Marista, é coordenadora dos cursos de Português das sétimas e oitavas séries do primeiro grau na escola. Além disso, o filho e o sobrinho,

ambos com dez anos, também estudam na instituição. "Costumo dizer que tenho mais tempo de vida dentro do Marista do que fora dele", conta ela, sem esconder o orgulho de fazer parte do corpo docente do colégio.

A sala onde ela recebe alunos e pais parece a extensão da própria casa. Todos entram sem nenhuma cerimônia. "No Marista conhecemos todos pelo primeiro nome", garante ela, destacando uma das filosofias do Marista. "Só quero sair daqui quando terminar todos os estudos", diz o filho Gabriel, 10 anos, aluno da terceira série.

O sobrinho de Lívia, Rafael, também de 10 anos e aluno da mesma classe que Gabriel, frisa que só sai do Marista para entrar na faculdade. Mas como criança não mente, ele entrega. "Não gosto quando estamos brincando na quadra na hora do recreio e a professora de

educação física vem pedir para a gente sair", diz.

CASAMENTO

O tempo que passaram juntos no Marista não foi suficiente para os ex-alunos Abrão Ricardo Pereira Gonçalves e Margareth Rodrigues Gonçalves. Atletas na época do colégio, ambos jogavam vôlei e cursavam, respectivamente, o terceiro e o segundo ano do segundo grau no Marista. O namoro começou dentro do colégio, transpôs os muros da escola. Em dois anos, Abrão e Margareth estavam casados.

Anos depois, o casal voltou ao colégio para lecionar e ainda matriculou os três filhos na instituição. Não é exagero dizer que o Marista cuidou da educação de toda a família Gonçalves. "A preocupação do Marista em dar uma formação humana aos alunos, de preparar para a vida, e não somente para o mercado de trabalho, é que faz a diferença do colégio", filosofa Abrão Ricardo, que deu aulas de educação física no colégio e hoje é policial.

O ex-aluno destaca ainda a convivência constante com os irmãos Maristas como positiva na educa-

ção de quem passa pelos bancos escolares da instituição. "Eles estavam sempre conversando com a gente. O contato era constante", frisa. "E tinha também o irmão Ricardo (ex-diretor que chegou na sextafeira da Espanha, onde mora, para participar da festa de hoje) que andava sempre com uma varinha para que os alunos não namorassem no recreio", lembra ele. Naquela época, Abrão e Margareth foram vítimas da famosa varinha.

Margareth — ou Meg, como é conhecida no Marista —, ainda dá aulas de Geografia no colégio. "Os irmãos têm um carisma muito especial", endossa a professora, lembrando de uma kombi verde que o irmão Ricardo usava para levar os alunos que praticavam vôlei para jogar. "Na época, o colégio ainda não tinha a quadra poliesportiva. Por isso, tínhamos que praticar fora do Marista", explica. "Em dias de jogos, então, a kombi lotava porque, além do time, também ia a torcida", diverte-se.

BOM HUMOR

Quem passa pelos corredores do Marista entende o que os ex-alunos

querem dizer quando falam sobre o carisma da instituição. Quem imagina um colégio católico tradicional com freiras e padres com expressões sisudas ou ainda meninas com vestidos abaixos do joelho vai se decepcionar. No Marista, o que vale é um bom papo. "Até hoje nós chamamos os pais dos alunos que faltam às aulas ou passam por algum problema", exemplifica a coordenadora Lívia Durães, conhecida no colégio como professora Livinha.

Ela aproveita para lembrar uma história do irmão Ricardo. "Há cinco anos, quando o irmão Ricardo esteve no Brasil e me encontrou na sala de aula, ele não acreditou. Me olhou e disse: 'Não acredito. Contrataram você?", conta Lívia, divertida.

O irmão Afonso Haus é outra figura querida. Ele lembra com carinho de um aluno que teve no Marista do Recife por cinco anos. "Dei aula de Desenho para o governador Cristovam Buarque", revela. Segundo ele, o governador já tinha jeito para a política. "Ele foi presidente do grêmio estudantil", conta. Aos 78 anos, ele resume em uma frase a instituição. "É uma casa de educação onde realmente se educa", diz.